

Arquitetos debatem revitalização

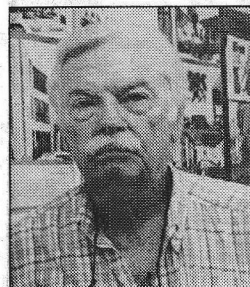
Elvin Mackay Dubugras, José Roberto Bassul, José Carlos Coutinho e Haroldo Pinheiro discutem as soluções para a W3

Foto: Arquivo Público de Brasília



Vista aérea da W3

ERROS PREJUDICARAM A ÁREA



Elvin Mackay

Ao ser questionado sobre como revitalizar essa via, o arquiteto comenta: "são quase 40 anos de caos ali. Não é de se esperar que se corrija isso com facilidade. Não consigo ver remédio para a W3. Talvez um bom trator de jeito", comenta.

Para Elvin Dubugras, a W3 representa um problema complexo. "Não se pode tratá-la como um assunto isolado. Para alterar qualquer coisa em sua área é preciso um estudo amplo, que envolva toda a cidade. Não se pode, absolutamente, por exemplo, aumentar o estacionamento da W2 e, com isso, invadir a área verde das quadras. Também não se pode transformar as quadras em estacionamentos, pois isto acarretaria em um desconforto para seus habitantes e em um perigo para as crianças. A questão da alteração do trânsito é outra complicação. O trânsito é como um encanamento de água. Se entupir de um lado, ele sai pelo outro", diz.

O arquiteto acha que qualquer tentativa de melhorar os problemas irá, na verdade, piorá-los. Ele teme que a especulação imobiliária passe por cima do urbanismo feito por profissionais. "Melhorar é difícil. No entanto, piorar é fácil. Já ouvi até alguns comentários, disparatados, sobre transformar a W3 numa espécie de *Champs-Élysée* (onde fica o Arco do Triunfo em Paris). Tem que se ter o cuidado para não deixar a W3 mais feia do que já é". (Marcelo Beluco)

DIMINUIÇÃO DO CANTEIRO CENTRAL

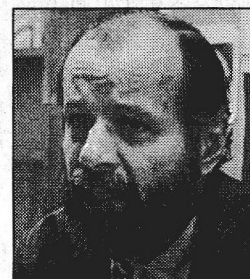


José Roberto Bassul

onde as pessoas possam passear e se sociabilizar.

"É preciso valorizar a rua. Brasília é carente disso. O Calçadão da Orla é um exemplo de como as pessoas sentem falta de um local agradável para andar e se encontrar. Isto pode fazer ressurgir um sentimento de prazer social, bastante diferente do que se vê nos shoppings", comenta.

José Carlos Bassul também aponta, como solução para revitalizar a W3, uma maneira capaz de diminuir o problema da insolação. "O sol da tarde invade as lojas, o que afasta as pessoas de, no final do dia, fazer um *happy hour*, por exemplo", diz. E complementa: "se souberem conciliar urbanismo, serviços de lazer e de cultura, será possível alterar a atual realidade da W3". (MB)



José Carlos Coutinho

CONCURSO PARA BUSCAR SOLUÇÕES

José Carlos Coutinho é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Ele veio do Rio Grande do Sul para Brasília em 1968, numa época difícil, quando foi decretado o AI-5. "Estou há 30

anos aqui. Como arquiteto, ver o desenvolvimento de uma cidade foi maravilhoso", revela.

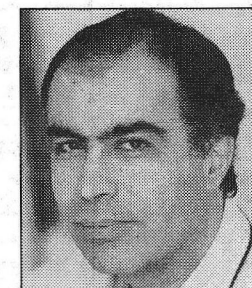
José Coutinho, ao refletir sobre a revitalização da W3, se mostra temeroso. Ele se preocupa com "uma certa improvisação" que pode vir a acontecer. "Inverter a mão, sombrear, colocar estacionamentos são maquiagens. É preciso estudar, a fundo, uma nova função que a W3 poderia ter, tanto a W3 Sul como a Norte. Não se faz simplesmente um novo desenho, ou uma nova decoração da via", comenta.

O arquiteto sugere, como possível solução, um concurso, capaz de realizar um amplo estudo sobre a questão. "Saídas para o problema não podem ser retiradas da cartola, como mágica. Isto seria uma irresponsabilidade. No entanto, é oportuno levantar a questão, pois é hora de rever o papel que essa via desempenha na estrutura urbana".

José Carlos Coutinho, ao repensar a questão da W3, enfatiza o fator de Brasília ser uma cidade tombada, Patrimônio Mundial da Humanidade. "Como se modificariam, por exemplo, as casas de frente para a W3? Os sindicatos, as lojas de cartomantes e umbanda, as pensões, o Museu de Cinema (de Vladimir Carvalho) continuarão como residências? Como alterar a arquitetura desses locais?", questiona.

Ele acha que mais complicada ainda é a questão da W3 Norte, devido às suas duas filas de comércio. Não somente no que diz respeito à disposição das lojas, mas também à arquitetura: "em termos de estética há, na W3 Norte, uma aberração maior do que se vê na W3 sul". (MB)

CONSTRUIR UNIDADES DE VIZINHANÇA



Haroldo Pinheiro

Haroldo Pinheiro, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, reside em Brasília desde 1965. Ao analisar o que se passou na cidade durante este período, vê com nitidez o crescimento de setores (como o comercial e o de diversão) e shoppings centers, em detrimento do desenvolvimento da W3.

Ao pensar sobre o que pode ser feito para mudar a atual conjuntura dessa via, diz: "A revitalização de um bairro ou rua, como fizeram outros estados (a *Rua 24 Horas*, de Curitiba, é um exemplo), pode ser concretizada. Mas ela tem que vir em paralelo com soluções viáveis, como transporte, trânsito, etc", comenta.

Uma das soluções por ele levantada seria a de preservar as lojas já existentes nas superquadras. Para Haroldo Pinheiro, "os novos comerciantes ao invés de abrirem novas lojas nas entrequadras deveriam ir para a W3". Outra proposta é a de construir unidades de vizinhança, "para interligar, de forma natural, as superquadras. Isto ocasionaria numa revitalização natural, que acabaria chegando até a W3".

Ele também acha que poderia haver - assim como era na década de 60, quando existia o Cine Cultura, situada ao lado da Escola Parque 507 Sul - a construção de comércios maiores, com teatros, restaurantes e cinemas. Com a ressalva de "não haver um aumento no gabarito (a área construída), para evitar um confronto entre comércio e habitação. Para isso é necessário um bom projeto e uma fiscalização rigorosa".

Haroldo Pinheiro conta que, na última vez que Oscar Niemeyer esteve em Brasília (no começo do ano), ele fez um esboço de um projeto para a W3. Nele, havia uma eliminação do canteiro central entre as mãos de sentido e um aumento da calçada. Além disso, haveria uma arborização especial, que proporcionaria às pessoas ficar, por exemplo, em mesas à frente das lanchonetes. "É preciso convocar arquitetos para um concurso público, a partir de um programa que não fugisse dos plano original da cidade", sugere. (MB)